

ANÁLISE FÍLMICA MAID: REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO NOS PAPÉIS SOCIAIS FEMININOS CONTEMPORÂNEOS

DÉBORA DIAS RESENDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)

BIANCA DRIELLY MENDES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)

Agradecimento à órgão de fomento:

Agradecemos ao apoio à pesquisa a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

ANÁLISE FÍLMICA *MAID*: REFLEXÃO SOBRE A INFLUÊNCIA DO PATRIARCADO NOS PAPÉIS SOCIAIS FEMININOS CONTEMPORÂNEOS

1. INTRODUÇÃO

A construção social dos papéis de gênero, fundamentada no patriarcado, sustenta relações desiguais de poder entre homens e mulheres, resultando na manutenção da dominação masculina, ainda que de forma velada na contemporaneidade (Biroli, 2018; Sampaio; Guerra, 2020; Scott, 2017). Apesar dos avanços promovidos pelo movimento feminista (Zaniboni, 2018), as mulheres seguem submetidas a padrões de beleza, comportamento e desempenho impostos pela lógica masculina (Carmo; Guimarães; Caeiro, 2016; Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2017). Essa desigualdade se agrava quando ingressam no espaço público, enfrentando julgamentos sobre suas competências e a sobrecarga decorrente da conciliação com as tarefas domésticas, tradicionalmente atribuídas a elas (Corrêa *et al.*, 2007; Lima *et al.*, 2013).

A dificuldade de equilibrar trabalho e família acarreta conflitos que afetam principalmente as mulheres, devido à divisão desigual do trabalho e às cobranças sociais que recaem sobre elas, gerando adoecimento físico e mental (Noor, 2002; Teixeira; Bomfim, 2016). Além disso, sua inserção no mercado se dá, em geral, em condições precárias, com menores salários e baixa valorização. Tais fatores evidenciam como o patriarcado estrutura a exploração de gênero, influenciando diretamente a vida e os papéis sociais femininos (Biroli, 2018; Brito *et al.*, 2015).

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a influência do patriarcado nos múltiplos papéis exercidos pelas mulheres na contemporaneidade, a partir de uma análise fílmica da série *Maid* (2021), que narra a trajetória de Alex, uma jovem mãe que rompe com um relacionamento abusivo. A série permite refletir sobre os impactos das desigualdades de gênero e as consequências do acúmulo de funções sociais femininas. O estudo também contribui metodologicamente ao utilizar a análise fílmica e a análise de conteúdo (Penafria, 2009), técnicas ainda em consolidação na produção acadêmica brasileira (Ferreira *et al.*, 2019).

Além dessa introdução, a estrutura do artigo compreende: referencial teórico dividido em três tópicos — patriarcado, papéis sociais femininos e as consequências dos múltiplos papéis desempenhados pelas mulheres —, descrição metodológica, análise da série por categorias relacionadas aos papéis da protagonista, e, por fim, as conclusões, limitações e contribuições do estudo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Patriarcado: contexto e definições

Ao abordar a temática de gênero, torna-se essencial discutir o patriarcado como estrutura social persistente e dinâmica (Oliveira; Guimarães; Ferreira, 2017; Saffioti, 2009; Santos, 2008). Mesmo diante das transformações históricas, o patriarcado segue presente nas instituições sociais, estruturando a hierarquia entre os gêneros e mantendo a supremacia masculina em espaços públicos e privados (Costa; Lima, 2015; Matos; Paradis, 2014; Saffioti, 2004). Compreender as desigualdades de gênero, portanto, exige entender o patriarcado em suas dimensões históricas e socioculturais (Ávila, 2006; Osterne, 2011).

Santos (2008) define o patriarcado como um sistema contínuo e adaptável, que molda suas expressões de dominação conforme as mudanças sociais. Auad (2013) o compreende como uma construção sociocultural, em que o homem ocupa a posição de poder e autoridade, produzindo dominação hierárquica e opressão feminina. Saffioti (2004, p. 44) sintetiza esse entendimento ao descrever o patriarcado como “o regime da dominação-exploração das mulheres pelos homens”, que pode ou não se manifestar através da violência física.

O patriarcado, enquanto padrão cultural, impede a efetiva igualdade de gênero ao excluir aqueles que não se encaixam em sua norma — hétero, branca, masculina e cristã (Miguel; Biroli, 2010). Beauvoir (1970) demonstra como esse sistema foi reproduzido historicamente por meio de religiões, normas jurídicas e narrativas sociais que reforçaram a inferiorização da mulher. Carrasco (1999 *apud* Quintela, 2006) e Santos e Oliveira (2010) sustentam que o patriarcado está imbricado ao capitalismo, promovendo a exploração da força de trabalho feminina e naturalizando desigualdades. O sistema capitalista, segundo essa perspectiva, se apropria da lógica patriarcal para intensificar a opressão de gênero e de classe.

Saffioti (2004) aponta os elementos que explicam a manutenção desse sistema: sua base material; presença simultânea nos espaços público e privado; estrutura hierárquica; domínio ideológico; e prática violenta. Camurça (2007) acrescenta outros mecanismos de reprodução do patriarcado, como o controle dos corpos femininos, a exclusão política, a violência simbólica e a dependência econômica. Contudo, como aponta Santos (2008), essa opressão também provoca resistência, resultando na emergência de movimentos feministas, que se iniciaram na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos (Louro, 1997; Mariano, 2005).

É importante frisar que a luta feminista não é homogênea: aspectos como raça, classe e orientação sexual atravessam de forma desigual a experiência das mulheres na sociedade (Zaniboni, 2018). Nos Estados Unidos, por exemplo, embora o feminismo tenha ganhado visibilidade, as mulheres — em especial as negras — continuam enfrentando desigualdade salarial, ausência de direitos como a licença maternidade remunerada e altos índices de violência doméstica (Beatón, 2019; CNN, 2020; Giuberti; Menezes, 2005).

Morais e Rodrigues (2016) observam que muitas mulheres não reconhecem os primeiros sinais da violência doméstica, como insultos e destruição de objetos, por estarem inseridas em um ciclo de abuso que alterna momentos de aparente harmonia com novos episódios de agressão (Cardoso, 1997; Fonseca; Ribeiro; Leal, 2012). Esse ciclo, que pode durar anos, demanda apoio externo para ser rompido, mostrando a complexidade da permanência do patriarcado na vida das mulheres.

Portanto, ainda que o patriarcado não possa ser facilmente desconstruído, o enfrentamento de suas estruturas representa um passo fundamental para a emancipação feminina e para a construção de uma sociedade mais equitativa (Costa; Zaro; Barbosa, 2016). O próximo tópico deste trabalho analisa a representação social da mulher na sociedade patriarcal, considerando os papéis sociais que ela desempenha tanto no espaço doméstico quanto no público.

2.2 Os papéis sociais femininos

Os indivíduos desempenham ao longo da vida uma variedade de papéis sociais que contribuem para a construção e transformação contínua de sua identidade (Ciampa, 2001). De acordo com Katz e Kahn (1987), esses papéis orientam as relações interpessoais e estabelecem padrões de comportamento esperados para o cumprimento de tarefas e situações específicas. Assim, ao assumir um papel, espera-se que o sujeito realize determinadas atividades, conforme as demandas sociais vinculadas a ele. Biddle (1986, p. 68) reforça que “os seres humanos se comportam de maneiras diferentes e previsíveis, dependendo de suas respectivas identidades sociais e da situação”. Ciampa (2001) acrescenta que os papéis são múltiplos e mutáveis, podendo desaparecer e reaparecer ao longo da vida, representando momentos transitórios da identidade que avançam e retrocedem em um ciclo contínuo.

Entretanto, a simultaneidade desses papéis pode gerar conflitos. Kahn *et al.* (1964) afirmam que o conflito de papéis ocorre quando um ou mais impedem a realização dos demais. Sieber (1974) complementa que tais conflitos surgem quando o indivíduo não consegue atender às exigências de um papel, independentemente do tempo disponível, forçando-o a optar por

qual papel priorizar. No caso das mulheres, essa tensão é frequente, especialmente ao conciliar os papéis de mãe e trabalhadora. Sieber (1974) ainda evidencia que as mulheres buscam ampliar seu repertório de papéis para aumentar seus recursos, autonomia e valorização pessoal.

A distinção dos papéis entre mulheres e homens é amplamente discutida na literatura. Corrêa *et al.* (2007) e Vilela e Lourenço (2020) destacam que esses papéis são diferenciados socialmente. Autores como Brito *et al.* (2015), Osterne (2011), Scott (2017) e Torrão (2005) apontam que essa divisão tem raízes no patriarcado, estabelecendo comportamentos distintos e hierarquizados para os gêneros. Oliveira, Guimarães e Ferreira (2017) e Santos e Buarque (2006) explicam que a religião, a filosofia e as ciências modernas contribuíram para disseminar a ideia de que os homens são seres superiores, fortes e racionais, enquanto as mulheres são frágeis e inferiores, tanto física quanto mentalmente. Essa concepção moldou as estruturas sociais, legitimando a desigualdade de gênero.

Auad (2013) reforça que historicamente as mulheres ocuparam uma posição secundária em relação aos homens, desde os períodos primitivos, atravessando a antiguidade, a Idade Média e o sistema capitalista. Matos e Paradis (2014) acrescentam que essa distinção de papéis é uma construção histórica. A demora no reconhecimento dos direitos das mulheres impediu sua participação na esfera pública, relegando-as ao espaço privado, onde realizavam tarefas domésticas invisibilizadas e trabalhos desvalorizados (Hirata; Kergoat, 2007; Oliveira; Oliveira, 2021). Em contraste, a predominância masculina na esfera pública garantiu aos homens acesso a direitos, propriedade e poder decisório (Matos; Paradis, 2014).

Segundo Borges (2015), a divisão dos espaços público e privado também reflete a desigualdade de gênero, marcada pela centralidade masculina e pela subordinação feminina. Essa separação é resultado de uma longa história de dominação masculina, na qual os homens são socializados desde a infância para assumir o papel de provedores, enquanto as mulheres são preparadas para o ambiente doméstico, assumindo as responsabilidades de mãe, esposa e cuidadora (Santos; Oliveira, 2010). Com a inserção crescente das mulheres no espaço público, e impulsionada pelas conquistas do movimento feminista, surgiram questionamentos sobre identidade, família, sexualidade e divisão do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007; Jablonski, 2010).

Entretanto, as funções femininas continuam a ser vistas como subordinadas e menos qualificadas (Alves; Guimarães, 2009; Biroli, 2018; Brito *et al.*, 2015), predominando em ocupações tradicionalmente associadas ao cuidado, como enfermeiras, professoras e empregadas domésticas (Carvalho; Tanure; Andrade, 2010; Sampaio; Guerra, 2020). Já os homens assumem posições de maior poder e prestígio, tornando o trabalho feminino frequentemente complementar e subvalorizado, com salários menores e encarados como suplementares à renda familiar (Alves; Guimarães, 2009; Carvalho; Tanure; Andrade, 2010). Biroli (2018) e Brito *et al.* (2015) enfatizam que as mulheres permanecem sub-representadas em cargos de liderança, enfrentando a necessidade de comprovar sua competência para obter reconhecimento (Carmo; Guimarães; Caeiro, 2016).

Hirata e Kergoat (2007) destacam duas características principais da divisão sexual do trabalho: a divisão hierárquica, que valoriza o trabalho masculino em detrimento do feminino, e o princípio da separação, que define atividades distintas para cada gênero. Esses princípios sustentam papéis sociais sexuados, alinhados ao ideal funcionalista de complementaridade entre os sexos. Os papéis sociais de gênero são desempenhados conforme diferentes modelos: o **tradicional**, em que a mulher cuida integralmente da família e o homem é provedor; o de **conciliação**, que exige das mulheres o equilíbrio entre trabalho familiar e profissional; o da **parceria**, que pressupõe o compartilhamento das responsabilidades domésticas e promove a igualdade; e o da **delegação**, em que mulheres, por posse de recursos, transferem as tarefas domésticas a outras mulheres.

Em síntese, a mulher está inserida em uma sociedade que ainda mantém padrões patriarcais (Praun, 2011). Ao ingressar no mercado de trabalho, ela assume novos papéis, sem

abandonar as responsabilidades privadas, gerando impactos significativos em sua qualidade de vida (Hirata; Kergoat, 2007). O próximo tópico abordará as consequências do acúmulo desses papéis e as estratégias para melhorar o cotidiano feminino.

2.3 As consequências da multiplicidade dos papéis sociais atribuídos à mulher na contemporaneidade

A inserção da mulher no espaço público contribuiu para o seu empoderamento, aquisição de novos saberes e maior consciência sobre a desigualdade de gênero (Rodrigues; Izquierdo, 2017). No entanto, essa conquista não implicou na redistribuição de responsabilidades no espaço privado, resultando em uma sobrecarga de funções, já que a mulher continua sendo a principal responsável pelas tarefas domésticas e cuidados familiares (Corrêa *et al.*, 2007; Hirata; Kergoat, 2007; Sampaio; Guerra, 2020). Apesar de atuarem fora de casa, os homens, em sua maioria, mantêm-se no papel tradicional de provedores e priorizam a carreira profissional, sem, contudo, compartilhar de forma equitativa as tarefas domésticas ou o cuidado com os filhos (Carvalho; Tanure; Andrade, 2010; Oliveira; Oliveira, 2021).

Essa desigualdade se acentua no caso das mães solo, que assumem integralmente tanto a provisão financeira quanto o cuidado dos filhos, enfrentando, além da sobrecarga, julgamentos e preconceitos enraizados em normas patriarcais (Biroli, 2018). A ausência de corresponsabilidade dos parceiros e o apoio institucional limitado revelam como o patriarcado continua operando mesmo em novas configurações familiares.

Embora Sieber (1974) tenha sugerido que o acúmulo de papéis sociais pode trazer benefícios ao indivíduo, esse argumento é relativizado por estudos contemporâneos que evidenciam os impactos negativos do acúmulo de funções sobre as mulheres, sobretudo pela ausência de apoio estrutural e conjugal (Adisa; Osabutey; Gbadamosi, 2016; Cooklin *et al.*, 2014; Lima *et al.*, 2013; Noor, 2002; Oliveira; Cavazotte; Paciello, 2013; Rodrigues; Izquierdo, 2017; Santos; Azevedo; Souza, 2021; Silva; Rossetto, 2010; Teixeira; Bomfim, 2016; Zhang; Punnett; Nannini, 2017).

Os efeitos dessa sobrecarga são diversos: ansiedade, estresse, exaustão, irritabilidade, *burnout*, depressão, insônia, gastrite, imunidade baixa, conflitos familiares, baixa produtividade, sentimento de culpa, entre outros. Tais sintomas revelam o alto custo físico, mental e emocional da desigual divisão dos papéis sociais (Silva; Rossetto, 2010; Teixeira; Bomfim, 2016).

Turner (2001) argumenta que essas consequências poderiam ser amenizadas com uma divisão mais justa das tarefas e um equilíbrio entre os custos e benefícios dos papéis sociais. Estratégias como o diálogo, flexibilização da jornada de trabalho, lazer, atividades físicas, acompanhamento psicológico e suporte emocional são fundamentais para o enfrentamento da sobrecarga (Silva; Rossetto, 2010; Strobino; Teixeira, 2014). As organizações, por sua vez, também devem atuar nesse processo, oferecendo políticas que promovam qualidade de vida, como horários flexíveis, assistência à saúde mental e apoio social (Brough; O'Driscoll; Kalliath, 2005).

Ainda assim, Hirata e Kergoat (2007) apontam que, mesmo entre mulheres conscientes das desigualdades — inclusive militantes feministas —, a divisão injusta do trabalho doméstico permanece. Essa constatação reforça a necessidade de estudos que não apenas diagnostiquem a desigualdade, mas proponham caminhos concretos para sua superação. A próxima seção apresenta a metodologia utilizada para a análise proposta neste artigo.

3. METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter descritivo, com base na análise fílmica, para investigar a influência do patriarcado sobre os múltiplos papéis exercidos pelas

mulheres na contemporaneidade e as consequências disso em suas vidas. De acordo com Denzin (2004), a análise fílmica pode ser compreendida como objeto e método de pesquisa, além de ser fonte rica para a análise empírica nas ciências sociais. Para Miranda, Rodrigues e Barros (2017), os filmes permitem refletir sobre os valores sociais e as relações cotidianas, evidenciando momentos históricos significativos.

A obra selecionada foi a série **Maid** (Criada), escrita por Molly Smith Metzler, lançada em 1º de outubro de 2021, na plataforma *Netflix*, com dez episódios. A narrativa acompanha **Alexandra Russell**, ou **Alex**, jovem mãe que foge de um relacionamento abusivo em busca de uma vida melhor. A escolha da obra se deu pelo seu potencial em retratar de forma sensível e realista os conflitos vivenciados por mulheres em situação de vulnerabilidade.

A análise fílmica, é uma técnica que ainda está em processo de consolidação no Brasil (Ferreira *et al.*, 2019). Para Penafria (2009), esse tipo de análise exige rigor metodológico e envolve duas etapas fundamentais: a **decomposição/descrição** e a **interpretação**. Vanoye e Goliot-Leté (1994) acrescentam que analisar um filme vai além da observação, exigindo varredura técnica e revisão crítica. Para Scherdien, Bortolini e Oltramari (2018), a análise fílmica amplia a percepção dos fenômenos sociais, permitindo explorar temas que muitas vezes são silenciados pela sociedade.

Inspiradas em estudos como os de Matos, Carmo e Assis (2018), Miranda, Amaral e Assis (2018) e Scherdien, Bortolini e Oltramari (2018), a pesquisa adotou a proposta metodológica de Penafria (2009), utilizando também a análise de conteúdo. O processo consistiu inicialmente na visualização contínua da série, com anotações gerais. Na sequência, as pesquisadoras assistiram novamente aos episódios, buscando identificar os papéis sociais assumidos por Alex, com base no referencial teórico sobre gênero. Os papéis mais evidentes foram: **mãe, filha, esposa e faxineira**, que se tornaram as categorias de análise.

A terceira etapa envolveu a visualização dos episódios com interrupções estratégicas, para a seleção de cenas e diálogos que evidenciassem a atuação do patriarcado sobre os papéis sociais desempenhados pela protagonista. Esses trechos foram assistidos diversas vezes, com foco na descrição visual e textual das cenas, o que subsidiou o processo de interpretação e inferência analítica, apresentado na seção seguinte deste artigo.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Apresentação da série e dos personagens

A série norte-americana **Maid**, baseada em fatos reais, está disponível na plataforma de *streaming Netflix* e conta com uma única temporada composta por dez episódios, com duração entre quarenta a sessenta minutos. A narrativa é uma adaptação do livro autobiográfico *Maid: Hard Work, Low Pay and a Mother's Will to Survive*, de Stephanie Land (2019), traduzido para o português como “Superação: trabalho duro, salário baixo e o dever de uma mãe solo”.

A trama acompanha **Alexandra Russell (Alex)**, interpretada por Margaret Qualley, uma jovem mãe de 25 anos que foge de um relacionamento abusivo com seu companheiro **Sean** (Nick Robinson). Além de enfrentar os desafios da maternidade solo com sua filha de dois anos, **Maddy** (Rylea Whittet), Alex lida com a instabilidade emocional da mãe, **Paula** (Andie MacDowell), que apresenta sinais de bipolaridade não diagnosticada, e com o distanciamento do pai, **Hank** (Billy Burke), considerado na série um ex-alcoólatra.

Para facilitar a compreensão da análise, realizou-se uma breve caracterização dos personagens centrais. **Alex** é branca, jovem, heterossexual, de classe social baixa, após a gravidez, abandonou seu sonho de estudar Belas Artes, mudou para o trailer de Sean e dedicou exclusivamente seu tempo para a sua família. **Sean**, pai de Maddy e companheiro de Alex, homem branco, jovem, heterossexual, trabalha como *barman*, é dependente de álcool e drogas, e apresenta comportamentos abusivos. **Paula**, mãe de Alex, branca, se considera um espírito

livre, vive em um estilo de vida alternativo (*hippie*), apresenta histórico de relacionamentos abusivos e uso de substâncias. **Hank**, pai de Alex, branco, hetero, reabilitado do seu vício em bebidas alcoólicas, reconstruiu sua vida com outra família, possui pouco vínculo afetivo com Alex. **Regina**, advogada bem-sucedida, negra, heterossexual, casada, residente de *Fisher Island* (local nobre), é cliente da empresa (*Value Maid*) de faxina onde Alex trabalha. Por não conseguir engravidar de forma natural, ela contrata uma barriga de aluguel e uma doadora de óvulos para gerar seu filho Léo. Regina se torna uma importante aliada na trajetória da protagonista.

Essa contextualização permite aprofundar a análise fílmica, que se dará nos próximos tópicos, por meio da observação dos papéis sociais desempenhados por Alex.

4.2 Alex: filha – A influência da estrutura familiar na vida da protagonista

O papel de filha desempenhado por Alex na série *Maid* é marcado por conflitos, frustrações e um sentimento constante de abandono. Sua relação com os pais, Paula e Hank, é permeada por negligência, instabilidade emocional e ausência de apoio material e afetivo. Logo no primeiro episódio, ao ser questionada pela assistente social sobre o possível suporte da família, Alex responde prontamente que essa não é uma opção, o que evidencia a inexistência de uma rede de apoio familiar. Essa ausência se mostra determinante para a situação de vulnerabilidade vivida por ela ao longo da narrativa.

No episódio "**Vidro do Mar**", essa falta de apoio é explicitada quando Alex precisa de uma testemunha de caráter para recuperar a guarda de sua filha. Ela escolhe sua mãe, Paula, para essa função, mas é constantemente ignorada. O ápice ocorre em uma lanchonete, quando Paula e seu namorado, Basil, sugerem que Alex, mesmo em situação de extrema dificuldade financeira, pague a conta. Nesse momento, Alex desabafa, afirmando que Paula não poderia ser sua testemunha, pois não é capaz nem de pagar um hambúrguer na pior semana de sua vida, finalizando com a acusação de que ela é a pior mãe do mundo. Paula rebate dizendo que não poderia ser tão ruim, já que nunca perdeu a guarda da filha, revelando a superficialidade de sua compreensão sobre maternidade e responsabilidade.

A relação com o pai, Hank, também é marcada por sentimentos de abandono. Alex questiona por que ele nunca a procurou após a separação, mesmo sabendo das limitações psicológicas de Paula. No episódio "**Ladrão**", ela recorda que sua mãe o deixou devido a um episódio de violência física, o que aprofunda seu distanciamento. Mais adiante, em "**Estalos**", Alex procura Hank para que ele testemunhe a seu favor na disputa judicial pela guarda de Maddy. Apesar de reconhecer os problemas de Sean, Hank se recusa a depor, alegando que nunca presenciou abuso direto. Essa omissão reforça o papel passivo e negligente que exerceu durante toda a vida da filha.

Essas experiências de abandono familiar colocam Alex em uma situação de extrema sobrecarga. Sem apoio financeiro ou emocional, ela precisou aprender, desde a infância, a resolver sozinha seus problemas. Como aponta Turner (2001), a ausência de apoio na divisão de funções e responsabilidades pode levar a estados de exaustão e sofrimento emocional. Se tivesse uma rede de apoio minimamente funcional, Alex provavelmente não estaria sem casa, sem renda e temporariamente sem a guarda da filha.

É importante destacar que Paula, embora “negligente como mãe”, também é uma vítima do sistema patriarcal. Diversos episódios revelam que ela passou por múltiplos relacionamentos abusivos, tanto física quanto psicologicamente. Contudo, por ter naturalizado determinadas formas de violência, Paula não reconhece o sofrimento da filha, acreditando que apenas a violência física configura abuso. Isso reflete o processo de institucionalização da dominação masculina, que se infiltra de forma sutil e persistente nas relações sociais, como apontam Auad (2013), Saffioti (2004) e Santos e Oliveira (2010).

A naturalização da opressão, presente no comportamento de Paula, revela uma internalização dos valores patriarcais. Ao aceitar passivamente a violência simbólica e psicológica dos parceiros, ela se mantém em uma posição de subordinação e dependência, o que contradiz seu discurso de liberdade e autonomia. Como observa Camurça (2007), esse tipo de submissão evidencia um aprisionamento existencial, ainda que disfarçado de escolha pessoal.

Hank, por sua vez, tenta justificar seu comportamento opressor com base no consumo de álcool. Sua visão limitada de violência — restringindo-a apenas ao aspecto físico — é reflexo de uma cultura patriarcal que invisibiliza outras formas de agressão. Como aponta Beauvoir (1970), esse modelo de dominação é construído historicamente e legitimado por discursos religiosos, jurídicos e culturais, tornando o patriarcado uma norma social amplamente aceita.

Do ponto de vista sociológico, os papéis sociais moldam a forma como os indivíduos se comportam em diferentes contextos (Katz; Kahn, 1987). Espera-se, portanto, que a mãe exerça um papel protetivo e cuidadoso. Contudo, ao longo da série, Alex relata e demonstra que, muitas vezes, precisa agir como mãe de Paula. Essa inversão de papéis é reforçada no episódio "**Estalos**", quando ela relata à coordenadora da casa MacMullin que cuida da mãe desde os seis anos de idade. Essa dinâmica ilustra que o "papel de mãe" não está necessariamente atrelado à maternidade biológica, mas à função social e afetiva que o indivíduo desempenha.

Embora Paula não deixe de ser mãe, ela exerce essa função de forma não convencional, o que pode estar relacionado à sua condição psicológica e ao estilo de vida que adotou. Como argumenta Biddle (1986), os papéis sociais podem ser exercidos de diferentes maneiras, dependendo das experiências pessoais e do contexto cultural de cada indivíduo.

A relação entre Alex e Paula leva a protagonista a acumular funções, ampliando ainda mais sua sobrecarga emocional e física. Como indicam os estudos de Lima *et al.* (2013), Noor (2002), Oliveira e Oliveira (2021), e outros, essa sobrecarga pode gerar ansiedade, depressão, esgotamento e prejuízos na qualidade de vida. Esse esgotamento torna-se evidente no episódio "**Jogo de Interesse**", quando Paula, após ser expulsa por Basil do trailer onde viviam, descobre que perderá a casa da família por falta de pagamento da hipoteca. Sem condições financeiras, sem apoio e em estado de desespero, ela tenta resolver a situação, mas é surpreendida com a informação de que o dinheiro foi perdido em apostas pelo seu namorado.

Alex, diante da crise, revela seu cansaço ao dizer que não sabe o que fazer com sua mãe, que agora se tornou "um problema em tempo integral". Essa fala sintetiza o peso emocional que Paula representa para Alex. Em seguida, Paula, descontrolada, tenta invadir sua antiga casa, quebra o vidro da porta e corta o tendão da mão. A cena choca Alex, que entra em estado de paralisia e é acolhida emocionalmente por Sean, o que revela, temporariamente, uma inversão na dinâmica de seus relacionamentos.

Esse momento de vulnerabilidade leva Alex, em uma tentativa inconsciente de fuga, a retomar relações sexuais com Sean. Esse retorno ao agressor representa um retrocesso em seu processo de emancipação, marcando o início de uma recaída em um ciclo de dependência emocional, financeira e psicológica. Assim, Alex retoma o papel de esposa, voltando ao convívio com o agressor e ao espaço doméstico de onde vinha tentando escapar. A seguir, o artigo aprofunda a análise desse papel para compreender melhor sua complexidade e as consequências dessa retomada.

4.3 Alex: esposa – As várias facetas de um relacionamento amoroso

Na série *Maid*, o papel de esposa, ainda que não formalizado legalmente, é desempenhado por Alex em uma união estável com Sean. Essa relação revela como a estrutura patriarcal molda e oprime mulheres, especialmente por meio da desvalorização do trabalho

doméstico, da perda da autonomia e da violência simbólica e psicológica (Camurça, 2007; Saffioti, 2004).

A história do casal é apresentada em forma de *flashback* no episódio "**Pôneis**". Alex, então garçom no *Neptune Café*, conhece Sean, um barman que chama sua atenção ao escutá-la ler um de seus textos. Com afinidades literárias e emocionais, o casal se aproxima rapidamente. Alex, que havia sido aceita no curso de Criação Literária da Universidade de Montana, desiste dos estudos após engravidar e passa a viver com Sean de forma definitiva, tornando-se dependente econômica e emocionalmente dele.

Inicialmente, Alex se sentia apaixonada e realizada, mas o relacionamento se deteriora progressivamente, especialmente após a gravidez não planejada. A recusa de Alex em realizar um aborto marca o início da tensão, revelando a presença de uma dinâmica de poder assimétrica que se intensifica com o tempo. Conforme argumentam Camurça (2007) e Saffioti (2004), a violência nos relacionamentos muitas vezes está associada a disputas de autoridade e à imposição do controle masculino.

Alex abandona a carreira, os estudos e o emprego para cuidar da casa e da filha, exemplificando o conflito entre múltiplos papéis sociais que, segundo Sieber (1974), pode levar à supressão de funções em prol da manutenção de outras. No episódio "**Imitações Baratas**", Sean expõe a total dependência de Alex ao afirmar que tudo o que ela possui — casa, comida, amigos — está vinculado a ele. Essa fala evidencia o apagamento da identidade de Alex dentro do relacionamento, típica de vínculos abusivos (Fonseca; Ribeiro; Leal, 2012; Morais; Rodrigues, 2016).

A postura controladora de Sean intensifica-se com o uso de álcool e sua agressividade crescente. Alex torna-se uma mulher retraída, angustiada e temerosa, o que confirma o caráter abusivo da relação, mesmo sem a presença inicial de violência física direta. No capítulo "**Imitações Baratas**", uma cena emblemática mostra Alex acordada na cama ao lado de Sean, olhando-o com medo, até decidir fugir. Ela levanta silenciosamente, calça os sapatos, pega uma mochila previamente preparada e vai até o quarto de Maddy. Juntas, saem discretamente, passando por um corredor com cacos de vidro e comida no chão, indícios de uma discussão violenta ocorrida anteriormente.

Essa fuga representa o ápice do esgotamento físico e emocional de Alex. Sem planejamento, documentos ou recursos, ela leva apenas dezoito dólares. Mesmo assim, inicialmente não reconhece que foi vítima de violência doméstica, pois, como muitas mulheres, associa abuso apenas à agressão física visível (Morais; Rodrigues, 2016). No entanto, como pontua Judy, a assistente social, violências também se manifestam por meio de intimidação, controle, humilhações verbais e destruição de objetos.

Com o tempo, Alex compreende sua situação e busca auxílio em um abrigo. Contudo, no episódio "**Jogo de Interesse**", diante do acúmulo de problemas, ela recai e volta a se relacionar com Sean. Essa recaída segue o padrão de outras vítimas retratadas na série, como Danielle, colega de abrigo que também retorna ao agressor. Denise, coordenadora do local, explica que são comuns diversas tentativas até que uma mulher consiga, de fato, romper com o ciclo de violência — processo que também viveu pessoalmente. Essas recaídas são compreendidas por autores como Cardoso (1997) e Fonseca, Ribeiro e Leal (2012) como parte de um ciclo afetivo marcado por ambivalência e esperança de mudança, que dificulta o rompimento definitivo.

Após a reconciliação, Alex vivencia mais uma situação de abuso. No episódio "**Azul-Celeste**", Sean tem um novo surto de agressividade, o que faz Maddy se esconder no armário, comportamento que espelha o que a própria Alex fazia quando criança, ao presenciar os abusos entre seus pais. Diante desse episódio, Alex decide novamente deixar Sean, agora determinada a não repetir os padrões intergeracionais de violência.

Com Maddy nos braços, caminha até um posto de gasolina e pede ajuda, sendo socorrida por Regina, sua patroa e amiga. Essa segunda ruptura com Sean demonstra o fortalecimento gradual de Alex, impulsionado sobretudo pelo papel de mãe, que se sobressai ao de esposa. É esse papel que orienta suas decisões e lhe dá forças para romper o ciclo abusivo, sendo o próximo aspecto a ser explorado na análise da série.

4.4 Alex: mãe – As dádivas e os ossos do ofício da maternidade

A maternidade impõe responsabilidades significativas na vida de uma mulher, especialmente quando desempenhada de forma solitária. Em *Maid*, Alex dedica-se inteiramente à criação de sua filha Maddy nos últimos três anos, assumindo um papel de mãe amorosa, protetora e abnegada. No episódio “**Imitações Baratas**”, mesmo em extrema privação, alimentando-se apenas de uma barrinha de cereal durante todo o dia, Alex utiliza o restante de seu dinheiro para comprar uma boneca idêntica à que Maddy havia perdido, demonstrando o amor incondicional e a priorização do bem-estar da filha, mesmo em detrimento do seu próprio.

Apesar do esforço, o trabalho da maternidade não é reconhecido formalmente como profissão (Biroli, 2018; Hirata; Kergoat, 2007; Oliveira; Oliveira, 2021). Alex, portanto, não recebe salário, reconhecimento social ou valorização profissional por exercer uma função que exige dedicação em tempo integral. Essa falta de reconhecimento institucionaliza uma desvalorização que torna a vida de mães solo ainda mais desafiadora.

Desde a decisão de ter a filha, Alex enfrenta julgamentos. No episódio “**Pôneis**”, Sean a acusa de ter “estragado sua vida”, chamando-a de “vagabunda”, expressão que revela a estigmatização social de mulheres que optam pela maternidade sem o respaldo de um parceiro. Como mãe solo, Alex precisa conciliar cuidados com Maddy, sustento do lar e resolução de problemas cotidianos, acumulando múltiplos papéis. Isso a insere no modelo de conciliação de papéis sociais (Hirata; Kergoat, 2007; Kahn *et al.*, 1964; Sieber, 1974), que frequentemente resulta em sobrecarga física e emocional.

O episódio “**Imitações Baratas**” também revela as barreiras estruturais enfrentadas por mães solteiras. Após fugir do parceiro abusivo, Alex e Maddy passam a noite em um carro e são abordadas por um policial, que a orienta a procurar ajuda governamental. Contudo, a burocracia dos serviços públicos norte-americanos se apresenta como obstáculo: para conseguir moradia subsidiada, Alex precisa comprovar vínculo empregatício, mas não pode trabalhar porque não tem com quem deixar sua filha. Essa dinâmica evidencia a insuficiência de políticas públicas para mulheres em situação de vulnerabilidade (Brough; O’Driscoll; Kalliath, 2005; Rodrigues; Izquierdo, 2017).

A série também aborda a maternidade a partir da vivência de Regina. Advogada bem-sucedida, Regina recorre à barriga de aluguel após várias tentativas fracassadas de engravidar. Em consequência do patriarcado (Lima *et al.*, 2013; Teixeira; Bomfim, 2016), a maternidade é internalizada por ela como um requisito para se sentir completa enquanto mulher e uma tentativa de salvar seu casamento. No entanto, mesmo com a chegada do bebê, o marido pede o divórcio, tornando Regina também uma mãe solo.

O episódio “**Obstáculos**” ilustra o impacto da chegada do bebê na vida de Regina. Alex a encontra em estado de exaustão, sentada no carro, pedindo ajuda para cuidar do filho recém-nascido. Despenteadada, suja e emocionalmente abalada, Regina admite estar tendo alucinações, sem conseguir dormir ou manter a casa organizada. A cena expõe os efeitos da sobrecarga de funções e papéis que muitas mulheres enfrentam (Adisa; Osabutey; Gbadamosi, 2016; Cooklin *et al.*, 2014; Lima *et al.*, 2013; Noor, 2002; Oliveira; Oliveira, 2021; Silva; Rosseto, 2010).

Tanto Regina quanto Alex ilustram como o patriarcado atribui à mulher a responsabilidade quase exclusiva pela criação dos filhos (Biroli, 2018), especialmente na ausência de suporte familiar ou conjugal (Teixeira; Bomfim, 2016). O resultado é um processo

de adoecimento físico e mental, decorrente da tentativa de conciliar maternidade, trabalho doméstico e, em muitos casos, emprego formal. Nesse cenário, o papel de trabalhadora remunerada torna-se essencial para garantir a sobrevivência e a autonomia da mulher e de seus filhos — papel que será analisado no próximo tópico.

4.5 Alex: faxineira – Reflexões sobre o trabalho feminino

O papel desempenhado por Alex como faxineira na série *Maid* permite uma análise crítica sobre a sobrecarga de trabalho enfrentada por mulheres, a influência do patriarcado na estrutura social e, ao mesmo tempo, evidencia a função emancipadora do trabalho remunerado na vida da protagonista. Desde o início da série, observa-se que, ao engravidar e iniciar uma relação com Sean, Alex abandona os estudos e o trabalho para dedicar-se integralmente à maternidade e aos cuidados com o lar. Tal dinâmica representa o **modelo tradicional** de divisão sexual do trabalho, no qual a mulher é responsável pelo espaço privado, e o homem pelo provimento financeiro (Hirata; Kergoat, 2007).

Essa configuração reflete o sistema patriarcal, em que a dominação masculina se impõe por meio da dependência econômica e do isolamento da mulher da esfera pública (Auad, 2013; Saffioti, 2004). Sean assume o papel de autoridade e exerce controle sobre Alex, recorrendo à violência psicológica e à manipulação emocional, elementos que, segundo Camurça (2007), sustentam a subordinação feminina e a reprodução da opressão patriarcal.

Ao romper com esse ciclo de violência, Alex busca apoio da assistência social, onde se depara com um novo obstáculo: para receber os auxílios governamentais, precisa comprovar vínculo empregatício. Isso revela a lógica capitalista que associa trabalho apenas à atividade remunerada, desconsiderando o trabalho doméstico e do cuidado — funções que Alex exerceu integralmente por três anos (Hirata; Kergoat, 2007; Oliveira; Oliveira, 2021).

Durante a triagem com a assistente social, Alex nega ter emprego ou habilidades especiais, mesmo reconhecendo internamente sua dedicação como mãe. Essa autorresposta revela como a própria mulher naturaliza a desvalorização do trabalho reprodutivo, internalizando o conceito dominante de que o trabalho só é válido quando gera renda.

A oportunidade de emprego surge quando Judy, sensibilizada pela situação de Alex, indica a agência de limpeza *Value Maids*. A facilidade em ser contratada evidencia a alta rotatividade e as baixas exigências da função de faxineira, trabalho ocupado por mulheres, marcado pela desvalorização social e precarização (Alves; Guimarães, 2009). Na entrevista com Yolanda (responsável pela empresa), são apresentadas condições típicas do trabalho informal: salário baixo, ausência de benefícios e ônus repassados à funcionária, como o custo com materiais, transporte e uniforme.

Ao retornar ao mercado de trabalho como faxineira, Alex resgata seu papel como trabalhadora remunerada e passa a conciliar os papéis do âmbito público e privado, caracterizando o **modelo de conciliação** (Hirata; Kergoat, 2007). Entretanto, essa inserção ocorre em uma função marcada pelo estigma de “trabalho feminino”, vinculada ao cuidado e à limpeza, refletindo a naturalização da divisão sexual do trabalho (Carvalho; Tanure; Andrade, 2010).

No episódio “**Obstáculos**”, após ser demitida por Yolanda por ter oferecido faxina diretamente a uma cliente, Alex propõe prestar serviços por conta própria. Quando comunica a Sean, esperando apoio, ele a informa que não pode cuidar da filha durante a semana. A cena explicita a persistência da hierarquia entre os gêneros no mundo do trabalho, no qual o emprego do homem é considerado prioritário, e o da mulher, complementar (Brito *et al.*, 2015; Santos; Oliveira, 2010).

A desvalorização do trabalho feminino é novamente evidenciada quando Alex, após investir todo o dinheiro em materiais de limpeza e gasolina, chega atrasada para sua primeira

faxina com Regina. A cliente, que representa a elite financeira e delega as funções domésticas a outras mulheres (Hirata; Kergoat, 2007), ameaça cancelar o serviço. Alex, implorando para realizar a limpeza, é autorizada após insistência. Durante o trabalho, desmaia de fome e cansaço, sendo socorrida friamente por Regina, que, apesar de oferecer uma barra de cereal, a pressiona a terminar o serviço, revelando a indiferença da relação capitalista e de classe que permeia a interação entre as personagens (Santos; Oliveira, 2010).

Essa ausência de empatia entre mulheres de diferentes classes sociais demonstra como o patriarcado se sustenta mesmo entre mulheres, na medida em que as responsabilidades do lar continuam sendo delegadas exclusivamente a elas, mesmo que de forma terceirizada (Rodrigues; Izquierdo, 2017). A naturalização dessa divisão impede a construção de solidariedade entre mulheres e possibilita a perpetuação da desigualdade estrutural de gênero.

Ainda que em condições precárias, o retorno de Alex ao mercado de trabalho possibilita não apenas a geração de renda, mas também um processo de autoconhecimento e libertação. A reaproximação com o espaço público, somada ao apoio psicológico que recebe no abrigo para mulheres vítimas de violência, desencadeia uma reflexão sobre sua trajetória e os ciclos de violência que vivenciou. Como resultado, Alex retoma seus planos de vida, reafirma seus sonhos e toma decisões que indicam um processo de emancipação.

Ao perceber-se capaz de prover o próprio sustento e de Maddy, Alex reconstrói sua identidade, rompe com a dependência emocional e financeira e projeta um futuro melhor ao almejar ingressar no curso de Criação Literária na Universidade de Montana. Assim, o papel de faxineira, mesmo marcado pela precarização e exploração, desempenha um papel crucial no processo de reconstrução da autonomia e dignidade da protagonista.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a influência do patriarcado sobre os múltiplos papéis exercidos pelas mulheres na contemporaneidade, utilizando como base a análise fílmica da série *Maid* (2021), inspirada em fatos reais. A trajetória de Alex, protagonista da narrativa, evidencia como o acúmulo de funções — mãe, filha, esposa, faxineira — interfere diretamente em sua saúde física e emocional, provocando sentimento de culpa, ansiedade, estresse e esgotamento. A sobreposição de papéis, comum à realidade de muitas mulheres, impõe uma rotina exaustiva e evidencia a desigualdade estrutural de gênero, reproduzida e sustentada pelo patriarcado.

A série revela como os cuidados familiares continuam sendo atribuídos majoritariamente às mulheres, enquanto aos homens resta o papel de provedor, perpetuando uma divisão sexual do trabalho desigual e opressiva. Essa configuração mantém a mulher em uma posição de desvantagem social, em que ela é responsabilizada por múltiplas demandas, mas pouco reconhecida por seu esforço. O desequilíbrio entre as esferas pública e privada afeta profundamente o bem-estar feminino, alimentando o ciclo de desigualdade e sustentando estruturas patriarcais já enraizadas na cultura e nas instituições.

Frente a esse cenário, torna-se urgente a preservação e o fortalecimento de políticas públicas que contribuam para atenuar essas desigualdades, especialmente no que diz respeito ao apoio a mães solo. Medidas como acesso a creches, assistência médica gratuita, programas de planejamento familiar e suporte financeiro são fundamentais, mas insuficientes se não vierem acompanhadas de iniciativas voltadas à redistribuição das responsabilidades domésticas e à promoção da equidade de gênero em todas as esferas sociais.

A principal limitação deste estudo está em sua abordagem centrada na trajetória de uma única personagem, não explorando a fundo a vivência de outras mulheres da série, cujas histórias aparecem de forma fragmentada. Além disso, Alex é uma mulher branca, cis-hétero e norte-americana, o que restringe a análise a uma experiência social específica. Recomenda-se,

para pesquisas futuras, a ampliação da análise para contemplar outras interseccionalidades, como raça, classe, orientação sexual e nacionalidade, uma vez que essas variáveis influenciam de maneira significativa a experiência com o patriarcado e com os papéis sociais.

A contribuição deste trabalho está em enriquecer a produção acadêmica sobre temas como a divisão sexual do trabalho, a exaustão das mulheres e os impactos do patriarcado na contemporaneidade. A análise também reforça a importância da articulação entre trabalho e família e como essa relação precisa ser repensada sob a ótica da justiça social e da equidade de gênero. Ao promover uma leitura crítica da série *Maid*, o estudo propõe uma reflexão sobre a persistência da desigualdade de gênero, mesmo em sociedades consideradas desenvolvidas.

Destaca ainda como a violência doméstica pode assumir formas diversas, indo além da agressão física, e como o processo de emancipação feminina está condicionado à existência de uma rede de apoio, autonomia financeira e políticas públicas eficazes. A superação do patriarcado exige, portanto, um esforço coletivo e contínuo para que mulheres possam, de fato, reescrever suas histórias e conquistar novos espaços com dignidade e liberdade.

REFERÊNCIAS

ADISA, T. A.; OSABUTEY, E. L. C.; G., G. Understanding the causes and consequences of work-family conflict: An exploratory study of Nigerian employees. **Employee Relations**, v.38, n.5, p.770-788, 2016.

ALVES, B. F.; GUIMARÃES, M. O. A inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro: direitos, desigualdades e perspectivas. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v.14, p.28, p. 38-44, 2009.

AUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ÁVILA, M. B. Mulheres, Participação política e poder. In: **Gênero e Poder**. Secretaria Especializada da Mulher: Alagoas, 2006.

BEATÓN, L. Estados Unidos: as mulheres em busca de igualdade e equidade salarial. **Diálogos do Sul**, 2019. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/direitos-humanos/57946/estados-unidos-as-mulheres-em-busca-de-igualdade-e-equidade-salarial>. Acesso em 21 de fev. 2023.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 4ª ed.,1970.

BIDDLE, B. J. Recent Developments in Role Theory. **Annual Review of Sociology**, v.12, n.1, p.67-92, 1986.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BORGES, L. **Mulheres em foco: uma análise das eleições presidenciais brasileiras em 2010**. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia?) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.

BRITO, M. J. M.; ALVES, M.; MONTENEGRO, L. C.; CARAM, C. S.; REZENDE, L. C. Mulheres na gestão hospitalar: significando o trabalho gerencial em um hospital público. **Gestão e Saúde**, v.6, n.2, p.1429-1445, 2015.

BROUGH, P.; O'DRISCOLL, M. P.; KALLIATH, T. J. The ability of “family friendly” organizational resources to predict work–family conflict and job and family satisfaction. **Stress and Health**, v.21, n.4, p.223-234, 2005.

CAMURÇA, S. Nós mulheres e nossa experiência comum. Reflexões para transformação social. **Cadernos de Crítica Feminista**, n.1, 2007.

CARDOSO, N. M. Mulher e maus-tratos. In: STREY, M. N. (Org.). **Mulher: Estudos de gênero**. São Leopoldo: Unisinos, p.127-138, 1997.

CARMO, J. G. M.; GUIMARÃES, L. de V. M.; CAEIRO, M. de L. Prazer e sofrimento no trabalho: vivências de mulheres soldados da Polícia Militar. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.3, n.8, p.1313-1357, 2016.

CARRASCO, C. (Ed.). **Mujeres e economía, nuevas perspectivas para viejos y nuevos problemas**. Barcelona: Icaria Ed.; Cambridge University Press, 1988. Citado por QUINTELA, S. **Economia Feminista e Economia Solidária: sinais de outra economia**. Rio de Janeiro: PACS, 2006.

CARVALHO, A. M. N.; TANURE, B.; ANDRADE, J. Executivas: Carreira, Maternidade, Amores e Preconceitos. **Revista Administração de Empresa**, v.9, n.1, 2010.

CIAMPA, A. C. **A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CNN BRASIL. Violência contra mulheres aumenta nos EUA em período de isolamento social. **CNN Brasil**, 22 maio 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/violencia-contra-mulheres-aumenta-nos-eua-em-periodo-de-isolamento-social/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

COOKLIN, A. R.; WESTRUPP, E. M.; STRAZDINS, L.; GIALLO, R.; MARTIN, A.; NICHOLSON, J. M. Fathers at Work Work–Family Conflict, Work–Family Enrichment and Parenting in an Australian Cohort. **Journal of Family Issues**, v.37, n.11, p.1-25, 2014.

CORRÊA, A. M. H.; GONTIJO, M. C. L.; ASSIS, L. B. D.; CARRIERI, A. D. P.; MELO, M. C. D. O. L. Soldadinhos-de-chumbo e bonecas: representações sociais do masculino e feminino em jornais de empresas. **Revista de Administração Contemporânea**, v.11, n.1, p.191-211, 2007.

COSTA, P. A.; ZARO, Z.; BARBOSA, M. F. Quando a Economia Solidária não é feminista nem feminista: o que está sendo reproduzido? **Trama Interdisciplinar**, v.7, n.1, p.68-86, 2016.

COSTA, T. C.; LIMA, R. L. Gênero e Tendências Contemporâneas: uma análise do Seminário Internacional “Desfazendo Gênero”. **Textos & Contextos**, v.14, n.2, p.416-429, 2015.

DENZIN, N. K. Reading Film: Using films and videos as empirical social science material. In: FLICK, U.; KARDORFF, E. V.; STEINKE, I. (Orgs.). **A companion to Qualitative Research**. California: Sage Publications, p.237-242, 2004.

- FERREIRA, F. A. C.; MACHADO, D. Q.; SILVA, J. S.; SILVA, L. M. T. Estrelas Além do Tempo: uma Análise Fílmica das Práticas de Gestão da Diversidade nas Organizações. *Anais...X Encontro Nacional de Estudos Organizacionais da ANPAD (ENEO/ANPAD)*, Fortaleza, CE, 2019.
- FONSECA, D. H. da; RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*, v.24, n.2, p.307-314, 2012.
- GIUBERTI, A. C.; MENEZES, N. F. Discriminação de rendimentos por gênero: uma comparação entre o Brasil e os Estados Unidos. *Economia Aplicada*, v.9, n.3, p.369-384, 2005.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n.132, p.595-609, 2007.
- JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v.30, n.2, p.262-275, 2010.
- KAHN, R. L.; WOLFE, D. M.; QUINN, R.; SNOEK, J. D.; ROSENTHAL, R. A. *Organizational Stress*. New York: Wiley, 1964.
- KATZ, D.; KAHN, R. L. *Psicologia Social das Organizações*. São Paulo: Atlas, 1987.
- LIMA, G. S.; CARVALHO, A. N.; LIMA, M. S.; TANURE, B.; VERSIANI, F. O teto de vidro das executivas brasileiras. *Revista Pretexto*, v.14, n.4, p.65-80, 2013.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalistas*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MARIANO, S. A. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. *Revista Estudos Feministas*, v.13, n.3, p.483-505, 2005.
- MATOS, B. A.; CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B. Quantas estrelas você vale? Uma análise da gamificação em um episódio da série *Black Mirror*. *FAROL: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v.5, n.13, p.792-845, 2018.
- MATOS, M.; PARADIS, C. G. Desafios à despatriarcalização do Estado brasileiro. *Cadernos Pagu*, n.43, p.57-118, 2014.
- MIGUEL, L. P.; BIROLI, F. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. *Revista Estudos Feministas*, v.18, n.3, p.653-679, 2010.
- MIRANDA, E. M.; RODRIGUEZ, V. B. C.; BARROS, M. J. F. O uso do filme de animação no ensino de administração: *Monstros S.A.* como estudo de caso exemplar. *Revista Gestão & Planejamento*, v.18, n.1, p.160-181, 2017.
- MIRANDA, U. L.; AMARAL, J. C.; ASSIS, L. B. Nós, Daniel Blake: uma análise dos dispositivos de dominação e controle. *FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v.5, n.14, p.1265-1313, 2018.

- MORAIS, M. O.; RODRIGUES, T. F. Empoderamento feminino como rompimento do ciclo de violência doméstica. **Revista de Ciências Humanas**, v.1, n.1, p.89-103, 2016.
- NOOR, N. M. Work-family conflict, locus of control, and women's well-being: tests of alternative pathways. **The Journal of Social Psychology**, v.142, n.5, p.645-662, 2002.
- OLIVEIRA, L. B.; CAVAZOTTE, F. S. C. N.; PACIELLO, R. R. Antecedentes e consequências dos conflitos entre trabalho e família. **Revista de Administração Contemporânea**, v.17, n.4, p.418-437, 2013.
- OLIVEIRA, P. N.; OLIVEIRA, T. T. Reflexões feministas e maternas em narrativas contemporâneas escritas por mulheres. **Revista Letras Raras**, v.10, n.4, p.79-97, 2021.
- OLIVEIRA, T. Z.; GUIMARÃES, L. V.; FERREIRA, D. P. Mulher, prostituta e prostituição: da história ao Jardim do Éden. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v.7, n.1, p.139-169, 2017.
- OSTERNE, M. D. S. F. A violência contra a mulher na dimensão cultural da prevalência do masculino. **O Público e o Privado**, n.18, p.129-145, 2011.
- PENAFRIA, M. Análise de filmes – conceitos e metodologia (s). **Anais eletrônico...VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, 2009.
- PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, v.1, n.1, p.55-65, 2011.
- QUINTELA, S. **Economia Feminista e Economia Solidária: sinais de outra economia**. Rio de Janeiro: PACS – Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul, 2006.
- RODRIGUES, H. S. J.; IZQUIERDO, J. O valor do trabalho e o valor do trabalho da mulher. **Revista Ártemis**, v.23, n.1, p.211-223, 2017.
- SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SAFFIOTI, H. I. B. Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres. **Série Estudos/Ciências Sociais/FLASCO-Brasil**, p.1-44, 2009.
- SAMPAIO, J. M.; GUERRA, A. C. Mulheres e desigualdade no mundo do trabalho: uma análise dos discursos das trabalhadoras terceirizadas da Universidade Federal de Alfenas. **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.7, n.20, p.875-940, 2020.
- SANTOS, C. M.; AZEVEDO, A. P.; SOUZA, E. L. A mulher em tripla jornada: discussão sobre a divisão das tarefas em relação ao companheiro. **Revista Gestão & Conexões**, v.10, n.2, p.103-121, 2021.
- SANTOS, G.; BUARQUE, C. O que é gênero? **Caderno gênero e trabalho**. Salvador: Redor, 2006.

SANTOS, R. C. A. O patriarcado metamórfico e o conceito de gênero. **Anais... XIV Simpósio Baiano de Pesquisadoras sobre Mulher e Relações de Gênero**, Bahia, 2008.

SANTOS, S. M. M.; Oliveira, L. Igualdade nas relações de gênero na sociedade do capital: limites, contradições e avanços. **Revista Katál Florianópolis**, v.13, n.1, p.11-19, 2010.

SCHERDIEN, C.; BORTOLINI, A. C. S.; OLTRAMARI, A. P. Relações de trabalho e cinema: uma análise do filme *Que Horas Ela Volta?* **FAROL – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v.5, n.12, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, p.71-99, 2017.

SIEBER, S. D. Toward a theory of role accumulation. **American Sociological Review**, v.39, n.4, p.567-582, 1974.

SILVA, A. B.; ROSSETTO, C. R. Os conflitos entre a prática gerencial e as relações em família: uma abordagem complexa e multidimensional. **Revista de Administração Contemporânea**, v.14, n.1, p.40-60, 2010.

STROBINO, M. R. C.; TEIXEIRA, R. M. O empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: estudo de multicase no setor da construção civil da cidade de Curitiba. **RAUSP – Revista de Administração**, v.49, n.1, p.59-76, 2014.

TEIXEIRA, R. M.; BOMFIM, L. C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos de trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **RBTUR – Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v.10, n.1, p.44-64, 2016.

TORRÃO, A. F. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, p.127-152, 2005.

TURNER, R. H. Role Theory. In: TURNER, Ralph H. **Handbook of Sociological Theory**. New York: Kluwer Academic, p.233-254, 2001.

VANOYE, F.; GOLIOT-LETE, A. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas: Papius, 1994.

VILELA, N. G. S.; LOURENÇO, M. L. Percepções das mulheres trabalhadoras sobre a relação trabalho-família: contribuições qualitativas da indústria brasileira. **Revista de Administração de Roraima**, Boa Vista, v. 10, n. 1, p. 1-29, 2020.

ZANIBONI, J. O impacto dos movimentos sufragistas no Reino Unido e nos Estados Unidos da América. **O Cosmopolítico**, Niterói, v. 5, n. 2, p. 18-31, 2018.

ZHANG, Y.; PUNNETT, L.; NANNINI, A. Work-family conflict, sleep, and mental health of nursing assistants working in nursing homes. **Workplace Health & Safety**, Thousand Oaks, v. 65, n. 7, p. 295-303, 2017.